



## O RITO BRASILEIRO (\*)

O Rito Brasileiro está fincado nos pressupostos da Ordem, referente à regularidade, à legalidade e à legitimidade. Acata os landmarques e demais postulados tradicionais da Maçonaria, com os usos e costumes antigos. Proclama a glória do Deus Criador e a Fraternidade dos homens. Estabelece a presença, nas suas sessões, das Três Grandes Luzes: o Livro da Lei, o Esquadro e o Compasso e emprega os símbolos da construção universal. Pode, dessa forma, ser praticado em qualquer país.

Tem, como base ritualística, a da Maçonaria Simbólica (graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre) sobre a qual se eleva a hierarquia filosófica de 30 altos graus (graus 4 a 33).

O Rito Brasileiro é evolução, é futuro, é canção do futuro. No preâmbulo da Constituição de 24 de junho de 2000, além da característica dos elementos inspiradores, há normas precisas, na seguinte redação:

- Nós, os Membros Efetivos do Supremo Conclave do Brasil, reunidos em função Constituinte para instituir uma Potência Maçônica soberana, legítima e legal - destinada a cumprir as exigências de Regularidade internacional; permitir às suas Oficinas o exercício pleno da defesa dos direitos da pessoa humana, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer formas de discriminação; condenar a exploração do homem, a ignorância, a superstição e a tirania; proclamar que o direito ao trabalho, à tolerância, à livre manifestação do pensamento e de expressão constituem apanágios da Franco-Maçonaria, cujo fim é a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade, tendo a Justiça como valor inexcusável da sociedade humana fundada na harmonia social e comprometida com a solução pacífica das controvérsias promulgamos, sob o império da Razão e a proteção do Supremo Arquiteto do Universo, a seguinte CONSTITUIÇÃO DO RITO BRASILEIRO DE MAÇONS ANTIGOS, LIVRES E ACEITOS.

Efetivamente, a partir do preâmbulo da Carta vigente, o Rito Brasileiro orienta suas Oficinas e seu contingente maçônico no exercício pleno da defesa dos direitos da pessoa humana, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer formas de discriminação; combate à exploração do homem, à ignorância, à superstição e à tirania; valor inexcusável da sociedade humana fundada na harmonia social e comprometida com a solução pacífica das controvérsias. Isso implica justiça social e, antes de tudo, solução de problemas como fome, subnutrição, doença e desabrigo; império da Razão que, no contexto do mercado livre, pode ser ferramenta para a divisão harmoniosa dos recursos e das riquezas. Isso realizaria a justiça social perpétua e dissiparia os temores de catastrófico neo-maltusianismo.

O Rito Brasileiro é produto da doutrina, da inteligência e da sabedoria de todos os Ritos que se acomodam sob o Pálio do GOB, isto é, dos Ritos Escocês, de York, Schröder, Adonhiramita e Moderno.

Prova disso é que o Rito foi fundado, reconhecido, consagrado e autorizado pelo GOB, por Decreto do Grão-Mestrado, Resoluções da Soberana Assembléia Federal Legislativa e decisões do Conselho Geral da Ordem (atual Suprema Congregação).

Mediante Decreto, o GOB determinou que o Rito Brasileiro acompanhe a evolução humana. Assim, Álvaro Palmeira, na condição de Grão-Mestre Geral do GOB deixou, nas consideranda, do Decreto nº 2.080, de 19.03.1968, expressões assim:

“12. Considerando que a Maçonaria, sem perder esse caráter principal, intrínseco e característico de Instituição Iniciática de formação moral e filosófica, deve, entretanto, está presente ao estudo dos problemas da civilização contemporânea e neles intervir superlativamente, para que a Humanidade possa encaminhar-se, sobre o suporte da Fraternidade, a um mundo de Justiça, Liberdade e Paz, porque não há antagonismo entre a Verdade e a Vida”.

E, como assinala ANTÔNIO CARLOS SIMÕES, em livro inédito:

- Já em fins dos anos 60, quando começavam os estudos para implantar a Nova Ordem Mundial, o neoliberalismo, o Supremo Conclave estava consciente de que se esgotara o período iniciado em 1717; era preciso dar início ao quarto período da Maçonaria. Muitas barreiras foram ultrapassadas.

## **O QUE É O RITO BRASILEIRO**

- É um Rito Regular, Legal e Legítimo, porque acata os Landmarques e demais Princípios tradicionais da Maçonaria, os Usos e Costumes antigos; proclama a glória do Deus Criador e a fraternidade dos homens; estabelece a presença nas Sessões das Três Grandes Luzes: o Livro da Lei Sagrada, o Esquadro e o Compasso; e emprega os símbolos da construção universal, podendo assim ser praticado em qualquer País.
- Sua base é a Maçonaria Simbólica universal de São João (graus de Aprendiz, Companheiro e Mestre). Sobre ela se eleva a Hierarquia de 30 Altos Graus (do grau 4 ao 33).

- O Rito Brasileiro concilia a Tradição com a Evolução, para que, assim, a Maçonaria não se torne uma força esgotada.

Especializa-se no cultivo da Filosofia, Liturgia, Simbologia, História e Legislação maçônicas e estuda todos os grandes problemas nacionais e universais com implicações ou conseqüências no futuro da Pátria e da Humanidade. Realiza a indispensável cultura doutrinário-maçônica e também a cultura político-social dos Obreiros.

- Impõe a prática do Civismo em cada Pátria, porque a Maçonaria é supranacional, mas não pode ser desnacionalizante.
- O Rito Brasileiro conviverá fraternalmente com todos os Ritos Regulares, através da inter-visitação e da inter-filiação. O Rito exige dos Obreiros a Vida Reta e o Espírito Fraternal e suas legendas são: - URBI ET ORBI e HOMO HOMINI FRATER.

## HISTÓRIA DO RITO BRASILEIRO

Fala-se que o Rito Brasileiro teria tido uma origem aparentemente romântica em Pernambuco, quando o comerciante e maçom José Firmo Xavier pertencente à Grande Loja Provincial de Pernambuco, provavelmente pertencente ao Grande Oriente do Passeio, no século XVIII, segundo alguns autores em 1878 e segundo outros em data muito anterior ou seja mais ou menos em 1848, o qual com um contingente além dele e mais 837 maçons, elaboraram uma Constituição Especial do Rito Brasileiro, colocando o mesmo sob a tutela de D. Pedro II e do Papa. Existem depositados na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, dois documentos que pertenceram à D. Pedro II que nos dão informações sobre esta entidade e que tem o seguinte enunciado:

***“Const.: Maç.: do Esp.: Rit.: Braz.: de Nob.: e Aug.:  
Caz.: Cor.: Liv.: sob os Ausp.: de  
S.:M.:I.:S.:D.:P.:S.:I.:B.: meu Alt.: e Pod.:Gr.:da  
Ord.:Braz.: em todo o Circulo do Império Brasileiro,  
offerecido à S.:M.:I.:D.:P.:S.:I.: do Braz.:Alt.: e  
Pod.:Sen.:Gr.:Mest.: da Ordem Brasileira”.***

Entretanto, a D. Pedro II que nunca foi maçom, José Firmo Xavier lhe outorgou o grau 23º, e o considerava o Grande Chefe Protetor, quanto a si, auto-intitulou-se Grande Chefe Propagador “ad vitam” sendo que, no caso de seu falecimento seria

substituído por um Grande Chefe Conservador. Senão estranho, todavia, muito curioso e interessante.

Tratam-se tais documentos de manuscritos que foram oferecidos ao Imperador, pensando que o mesmo aceitasse ser Grão-Mestre, ou, no mínimo, ser o Protetor deste movimento que pretendiam fundar. Entretanto, D. Pedro II, muito embora nunca tenha sido inimigo da Maçonaria jamais pensou em ser maçom. Guardou os documentos e posteriormente os entregou à Imperatriz Dona Thereza Cristina Maria de Bourbon. Daí a explicação porque estes documentos estão no Museu Nacional, felizmente até certo ponto, porque se estivesse em algum arquivo ou biblioteca de algum particular temos a certeza de que dificilmente teríamos notícia desta preciosidade.

Aquele Rito, naquela ocasião não vingou, porque, entre outras contradições, não aceitava que fossem iniciadas pessoas que não fossem nascidas no Brasil, mostrando um nacionalismo incoseqüente e além do mais, D. Pedro II não estava muito interessado em Maçonaria, apesar de seu pai ter sido maçom. Assim como, não teria lógica um rito maçônico se colocar sob a tutela do Imperador e do Papa.

Estamos mencionando este fato mais como uma citação, diga-se de passagem, porém sem considerá-lo como um movimento maçônico propriamente dito, e sim como uma sociedade secreta nos moldes da Maçonaria para se colocar a serviço do Imperador e da religião Católica, talvez até com fins políticos, ou ainda para obter as benesses do governo imperial.

Esta história caiu no esquecimento e este “Rito” que pretendiam fundar não deu certo. Mas, após iniciada a Primeira Grande Guerra Mundial em 1914, o Grão-Mestre Geral do Grande Oriente do Brasil, o Soberano Irmão Lauro Sodré (Lauro Nina Sodré e Silva, nascido em 17.10.1858 em Belém do Pará e falecido no Rio de Janeiro em 16.06.1944 – Iniciado na Loja “Harmonia” de Belém PA em 01.08.1888), através do Decreto n.º 500 datado de 23.12.1914, determina, e, em reunião de 21.12.1914, o Ilustre Conselho Geral da Ordem aprovou o reconhecimento e incorporação do Rito Brasileiro entre os que compõem o Grande Oriente do Brasil, com os mesmos ônus e direitos, regido liturgicamente pela sua Constituição particular.

Existem autores que ligam este fato à militares nacionalistas. Não nos parece provável. Poderia até existirem militares ligados à fundação do Rito, como sempre eles estiveram presentes no GOB em toda a sua existência, não tanto por sua posição de militar, mas como verdadeiros maçons e idealistas da Ordem. Este é um fato incontestado que não se pode negar. Entretanto, o Rito não progrediu naquela época, mesmo seguindo-se mais dois Decretos complementares impondo e confirmando a legalidade do Rito, assinados pelo Grão-Mestre Geral Adjunto o Almirante Veríssimo José da Costa, que substituiu o Irmão Sodré após a sua renúncia para exercer o cargo

de Governador do Pará, ou seja, o Decreto n.º 536, de 17.10.1916 em que ratificava o Decreto de Sodré afirmando em seu artigo 1.º que: “Fica reconhecido, consagrado e autorizado o Rito Brasileiro criado e incorporado ao Grande Oriente do Brasil pelo Decreto n.º 500, de 23.12.1914”, e o Decreto n.º 554, de 13.06.1917, em seu artigo único assim se referiu: “ Fica adotada e incorporada ao patrimônio da legislação do Grande Oriente do Brasil a Constituição do Rito Brasileiro contendo sua Declaração de princípios, Estatutos, Regulamentos, Rituais e Institutos”.

Percebe-se, assim, que este Irmão estava muito empenhado na fundação do Rito e que talvez possa ter sido o principal incentivador da fundação do mesmo. Deu-se, em seguida, um adormecimento temporário, já que tudo o que havia sido resolvido apenas se restringia à sua idealização, sem, contudo, lojas fundadas, rituais, constituição etc.. Era, assim, mais um movimento, de um grupo de Irmãos tentando fundar um novo Rito.

Fala-se que em 1919 o então Grão-Mestre Geral, o Irmão Nilo Peçanha (Iniciado na Loja “Ganganelli do Rio” em 11.10.1901, tomou posse em 21.07.1917, como Grão-Mestre Geral do GOB. Havia sido Vice-Presidente da República gestão 1906/1910, quando substituiu o Presidente da República Afonso Pena, por falecimento deste, no período de 14.06.1909 a 25.11.1910. Depois Senador em 1912 e Governador do Estado do Rio de Janeiro) teria assinado a 1ª Constituição do Rito Brasileiro, definida como tendo o Rito 33 graus. Entretanto, não se confirma esta informação, pois lendo-se todos os Boletins do Grande Oriente do Brasil daquele ano, não existem quaisquer referências ou publicações a respeito. Imaginamos que uma decisão como esta teria que constar no Boletim Oficial daquela Potência quer como Ato ou Decreto.

Entretanto, o que se conseguiu constatar nos Boletins do GOB e em especial o de 11/1919 à página 12, foi que, em reunião do Conselho Geral da Ordem, de 07.11 uma Loja do Rito Brasileiro de Recife comunicava a sua instalação em 26.10, tendo inclusive enviado, para fins de registro, uma nominata de sua administração. Ainda no Expediente da reunião de 24.11 foi lida uma Prancha da Loja Provincial do Rito Brasileiro de Recife. Falaram a respeito vários Irmãos, entre eles o Irmão Octaviano Bastos , que segundo consta, fazia parte do grupo interessado em solidificar o Rito Brasileiro. Entretanto, esta Loja acabou sendo regularizada no Rito Adonhiramita, pois não haviam rituais, cobridor do grau, constituição etc..

Em 1921, a Loja “Campos Salles” de São Paulo, fundada em 12.01.1921 hoje uma Loja pertencente ao Rito de Emulação, naquela época dissidente do GOB, mandou imprimir um Ritual que nada mais era que um plágio do Ritual de Emulação (chamado impropriamente de “Rito de York Inglês”) com algumas adaptações, com o nome de Rito Brasileiro.

Neste período esta Loja não pertencia ao GOB, porque, segundo consta, teria havido fraude eleitoral no Poder Central, e o Grande Oriente Estadual de São Paulo sentindo-se lesado, em vista de tal problema, tornou-se dissidente, desligando-se do GOB e, uma vez independente, levou 62 (sessenta e duas) Lojas consigo nessa dissidência.

Em verdade, até 1921, não existiam Rituais do Rito Brasileiro, sendo que, para se compilar os três primeiros graus usou-se como base o Ritual de Emulação traduzido do inglês por J.T. Sadler, em 1920 e impresso pelo Grande Oriente do Brasil. Estes Rituais foram adotados e aprovados com algumas modificações, pelo Grande Oriente Independente de São Paulo em 26.08.1921, como sendo do Rito Brasileiro. Não se cogitou, nesta ocasião, dos graus superiores.

A Loja “Campos Salles” após serenados os ânimos voltou ao seio do GOB, porém, trocando de Rito, primeiro para o REAA, logo depois para o de Emulação (“York Inglês”). Depois de iniciada a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) voltou-se novamente a falar em Rito Brasileiro.

Em Sessão do Grande Conselho Geral do Grande Oriente do Brasil de 22.07.1940 (página 109 do Boletim nº 7 e 8 de Julho e Agosto) na Ordem do Dia, usa da palavra o Capitão Octaviano Bastos e “procede a leitura da Constituição do Rito Brasileiro, a qual é aprovada por unanimidade. O Projeto de Lei obtivera parecer favorável da Comissão de Legislação dispendo: “O Grão Mestre fica autorizado:

1. A ativar o funcionamento do Rito Brasileiro, de conformidade com sua Constituição, e a iniciar a formação de seu ‘Conclave’, nomeando os seus primeiros fundadores.
2. A estimular a instalação da primeira Oficina do Rito, dispensando todas as taxas a que estiver sujeita e, bem assim os emolumentos dos três primeiros profanos que nela se iniciarem.
3. Conceder favores idênticos às Oficinas que passarem a funcionar segundo o Rito Brasileiro, dentro do prazo de 180 dias renunciando o regime capitular.
4. Providenciar, junto ao ‘Conclave’, para que aos Maçons Capitulares dessas Oficinas, sejam concedidos títulos do Rito Brasileiro, correspondentes aos altos graus possuídos, com o fim de constituírem os respectivos corpos”.

O Grão-Mestre Geral do Grande Oriente do Brasil, Soberano Irmão Joaquim Rodrigues Neves, através do Ato nº 1.617, de 03.08.1940, autoriza a organização do Rito. Os mentores principais deste movimento foram o Irmão Álvaro Palmeira, que viria posteriormente ser Grão-Mestre Geral do GOB e Octaviano Bastos, além de outros. Realizaram três reuniões em 1940, quatorze em 1941, fundaram um Conclave em 17.02.1941, segundo Octaviano Bastos, constando da ata onze assinaturas como sendo os organizadores do Conclave e Fundadores do Rito.

Foram fundadas algumas Lojas, além de outras que passaram a adotar o Rito, estabeleceram insígnias, colares dos cargos, criaram os aventais, medalhas e usaram

aquele já citado Ritual de 1921. Era o novo Rito apesar das dificuldades, se impondo aos poucos, tal qual uma criança que está crescendo.

Ainda em 1941 foi publicada uma Constituição contendo 19 artigos. O Ritual era uma cópia do Rito de York, acrescentando a Palavra de Passe para “Cruzeiro do Sul” e o Rito era então composto de três graus: Aprendiz Companheiro e Mestre e mais quatro títulos de Honra: 4º) Cavaleiro do Rito; 5º) Paladino do Dever; 6º) Apóstolo do Bem Público; 7º) Servidor da Ordem, da Pátria e da Humanidade.

Foi determinado que estes títulos seriam equivalentes para os visitantes a saber; Cavaleiro do Rito - 4º - seria equivalente ao grau 18; Paladino do Dever - 5º - seria equivalente ao grau 30; Apóstolo do Bem Público - 6º - seria equivalente ao grau 31; Servidor da Ordem da Pátria, e da Humanidade - 7º - seria equivalente ao grau 33. Em Sessão de Emergência, havida no Rio de Janeiro, dia 18.09.1942, na Loja “Brasil”, Rito Brasileiro, foi iniciado sendo imediatamente elevado ao grau 03, por motivos políticos evidentemente, o Coronel Manoel Viriato Dornelles Vargas, irmão carnal do ditador Getúlio Vargas, o qual tinha um outro Irmão também maçom o Cel. Protásio Vargas.

Acresça-se que o pai de Getúlio Vargas, o General Manoel Nascimento Vargas, herói da Guerra do Paraguai, e combatente da Revolução Federalista ao lado das forças legalistas, foi iniciado em São Borja no dia 24.08.1876, na Loja “Vigilância e Fé”.

Entretanto, o Grão-Mestre Geral Joaquim Rodrigues Neves, posteriormente, por problemas havidos com os mais importantes membros do Rito Brasileiro através dos Decretos 1843,1844 e 1845 datados de março de 1944 suspende os direitos maçônicos de vários “Servidores da Ordem e da Pátria” e entre eles os do Irmão Álvaro Palmeira, seu Grão-Mestre Geral Adjunto, do Irmão Capitão Octaviano Menezes Bastos, Alexandre Brasil de Araújo, Carlos Castrioto e do Coronel Dilermando de Assis, todos considerados como organizadores e fundadores do Rito em 1940. Estava acontecendo mais uma briga interna no GOB, com situações complexas que não vem ao caso comentá-las. Álvaro Palmeira e seu grupo funda, então, a Grande Loja do Estado do Rio de Janeiro, quando, em 1948, ele passa a fazer parte do Grande Oriente Unido, outra Potência dissidente a qual foi finalmente incorporada ao Grande Oriente do Brasil em 22.12.1956. Tudo voltou ao “normal”, quando, algum tempo após, o Irmão Álvaro Palmeira e seus seguidores voltaram ao GOB, desta feita, politicamente fortes.

Somente em 13.03.1968, o Irmão Álvaro Palmeira, então Grão-Mestre do Geral do GOB, que sempre batalhou pelo Rito, baixou o Ato nº 2.080, renovando ali os objetivos do Ato nº 1617, de 1940. Com o apoio, agora firme, do Grão-Mestre Palmeira foi mais fácil o Rito tornar-se uma realidade, começando, assim, a crescer. Foi talvez o renascimento do Rito, quiçá considerado por alguns autores como o ano de sua

verdadeira fundação. Podemos dizer que, a partir daí, realmente o Rito começou a se encontrar. Álvaro Palmeira fez as alterações que deveriam ser feitas, deu nova feição aos Rituais com emendas na Constituição e outras providências, nomeou uma comissão de 15 Irmãos com amplos poderes para revisar e reestruturar todo o Rito, para colocá-lo dentro das exigências internacionais para se tornar um Rito regular, dando-lhe uma abrangência universal, separando os graus simbólicos dos filosóficos.

Decorre, então, que em 10.06.1968 foi firmado um “Tratado de Amizade e Aliança” entre o GOB e o Supremo Conclave do Brasil do Rito Brasileiro e ratificado pela Soberana Assembléia Federal Legislativa em 27.07.1968. Em 1973, infelizmente, ocorreu mais uma grave cisão na Maçonaria Brasileira.

Após desentendimentos entre a cúpula do GOB e alguns Grão-Mestres Estaduais, cerca de dez Grandes Orientes se desligaram do GOB, constituindo a hoje chamada COMAB (Confederação da Maçonaria Brasileira).

Convém frisar que o Rito Brasileiro é patriótico sem, contudo, ser nacionalista. Tanto é verdade que ele prega que “Constitui um dos altos objetivos do Rito o incentivo e a prática do Civismo em cada Pátria”. Desde que adaptado, poderá ser praticado como sendo o Rito de qualquer país que o recepcione. Os graus superiores do Rito são transparentes, modernos, objetivos, fluentes e de belíssima liturgia. Além de seu desenrolar ser escrito em linguagem moderna e bastante compreensível.

É um Rito Teísta e a sua concepção de Deus é que ele seja o Supremo Arquiteto do Universo, e não Grande Arquiteto do Universo, pois “grande” não define bem e com profundidade a idéia de Deus, uma vez que “grande” é um epíteto muito usado freqüentemente para definir coisas imensas. Porém, se respeita as concepções de outros Ritos sem quaisquer restrições. O Rito Brasileiro é hoje uma realidade, e, apesar de todos os seus percalços, ele está aí, ele existe e sempre existirá, e vai continuar crescendo dentro de seu espaço, sem molestar ou interferir na prática dos outros Ritos, os quais respeita, sem contestá-los.

Atualmente o Rito possui trinta e três graus, a saber:

#### GRAUS SIMBÓLICOS

1. Aprendiz
2. Companheiro
3. Mestre

#### GRAUS FILOSÓFICOS

4. Mestre da Discrção
5. Mestre da Lealdade



6. Mestre da Franqueza
7. Mestre da Verdade
8. Mestre da Coragem
9. Mestre da Justiça
10. Mestre da Tolerância
11. Mestre da Prudência
12. Mestre da Temperança
13. Mestre da Probidade
14. Mestre da Perseverança
15. Cavaleiro da Liberdade
16. Cavaleiro da Igualdade
17. Cavaleiro da Fraternidade
18. Cavaleiro Rosa-Cruz ou da Perfeição
19. Missionário da Agricultura e da Pecuária
20. Missionário da Indústria e Comércio
21. Missionário do Trabalho
22. Missionário da Economia
23. Missionário da Educação
24. Missionário da Organização Social
25. Missionário da Justiça Social
26. Missionário da Paz
27. Missionário da Arte
28. Missionário da Ciência
29. Missionário da Religião
30. Missionário da Filosofia. Kadosh Filosófico
31. Guardião do Bem Público
32. Guardião do Civismo
33. Servidor da Ordem da Pátria e da Humanidade

### **Distribuição de Graus**

Estes graus se distribuem através da várias Oficinas litúrgicas da seguinte maneira:

1. Sublimes Capítulos (Graus 4 ao 18) dedicados à Cultura Moral
2. Grandes Conselhos Filosóficos (Câmaras dos graus 19 a 30 –Kadosh) dedicados à cultura artística, científica, tecnológica, e filosófica.
  1. Altos Colégios (graus 31 e 32) dedicados à cultura cívica
  2. Supremo Conclave dedicado à síntese humanística.

# **O RITO BRASILEIRO E SUA RITUALÍSTICA**

## **II - 1 - TRAJE**

O traje do Maçom, no Rito Brasileiro, é composto de terno, sapatos e meias pretas; camisa branca; gravata de padrão adotado pelo Rito (bordô, lisa, sem ornamentos), (o terno azul marinho é admitido). Os demais esclarecimentos estão no RGF e na Legislação Maçônica vigente. Admite-se o uso do balandrau – art. 110, § 1º - RGF (veste talar, longo, de mangas compridas, na cor preta, sem insígnia ou símbolo estampados), desde que usado com calça preta ou azul marinho, sapato e meias pretas. Deve-se ressaltar que, originalmente, o verdadeiro traje maçônico é o Avental, símbolo do trabalho, sem o qual o Maçom é considerado desnudo.

Exclusivamente o V.: M.: usará em todas as sessões dos Graus Simbólicos o Avental de sua dignidade e uma Estola (padrão do Rito).

O Venerável e os Vigilantes usarão nas sessões magnas os punhos (padrão do Rito).

OBS.: Os Ex-Veneráveis usarão nas sessões apenas o Avental de M.:I.:, com a respectiva jóia.

## **II - 2 - CIRCULAÇÃO EM LOJA E SAUDAÇÃO**

A circulação em Loja aberta é feita com passos natura e sem os Sinais de Ordem e de Obediência (muitos maçons de nosso rito acham que têm de andar com o Sinal de Obediência, o que não procede). Trata-se de uma prática que impõem ordem e disciplina aos trabalhos.

Para circular em Loja há regras básicas essenciais que devem ser adotadas em todos os graus simbólicos, ressalvados os procedimentos próprios dos mesmos.

No Ocidente, caminha-se sempre virando à direita (dextrógiro), contornando-se a Loja. Um giro completo seria: passar ao lado do 1º Vigilante, ir até as escadas do Oriente, passar em frente ao 2º Vigilante, passar ao lado do 1º Vigilante, sem formar esquadrrias nas conversões. No Oriente, se mantém o dextrógiro, contornando o Altar dos juramentos, salvo expressa cominação do ritual.

Saudar o Venerável Mestre antes de subir os degraus para entrar e antes de sair do Oriente e ao cruzar do Norte para o Sul, junto à balaustrada. de frente para o Venerável Mestre.

Quando o Irmão entrar ou sair do Oriente faz a saudação (para entrar faz-se o sinal em baixo antes de começar a subir os degraus e para sair no alinhamento da balaustrada, de frente para o Venerável) quando não estiver com nenhum instrumento de trabalho nas mãos; se estiver carregando algum objeto saúda o Venerável com uma respeitosa inflexão da cabeça.

Falarão assentados: o Venerável, 1 ° e 2° Vigilantes, Orador, Secretário, Tesoureiro e Chanceler.

Antes das sessões, todas as luzes do Templo devem ser acesas, permanecendo apagadas somente por expressam disposição em contrário, no Ritual.

Exceções: os deslocamentos em cerimoniais próprios (recepção de autoridades, incluindo a Bandeira Nacional; Iniciação, Elevação, Exaltação, Filiação, Regularização, recepção de Membro Honorário, sessões públicas em geral), quando as saudações são especialmente previstas.

O Mestre de Cerimônias, portando bastão, sempre acompanha, à direita e um pouco à frente, os Irmãos que fora de funções específicas previstas nos rituais, eventualmente se deslocam em Loja..

OBS.: O M.: de CCer.: portará bastão: 1) durante os Cortejos de entrada e saída do Templo; 2) quando acompanhar Ir.:., no decorrer da sessão; 3) no Pálios de abertura e de fechamento do Livro da Lei. Os DDiác.: portam bastão na formação dos Pálios quando da abertura e fechamento do Livro da Lei. Não há deslocamento com Sinal de Ordem ou Sinal de Obediência, salvo se expressamente previsto no ritual; não há sinal com as mãos ocupadas, ou sentado, ou andando (para um sinal, salvo disposições expressas dos rituais, exigem-se mãos livres, Obreiro em pé e parado, as três condições reunidas).

Abertura da sessão, cerimônia de transmissão da Palavra: o 2° Vigilante, após receber a Palavra do 2° Diácono, deve bater, imediatamente; e, tanto na abertura como no fechamento, um diácono inicia seu deslocamento logo que o outro recebe ou transmite a Palavra ao 1° Vigilante, não havendo necessidade de esperar a conclusão total da circulação. O Rito se caracteriza por atos rápidos e enérgicos sincronizados. O tempo não deve ser alongado, inutilmente. Os Oficiais devem se deslocar com passos vivos, decididos, demonstrando que conhecem o trabalho, as Luzes também devem demonstrar que sabem a seqüência da cerimônia, não perdendo um longo tempo, sem dar logo a batida ou bateria na hora necessária.

Iniciados os trabalhos, nenhum Irmão pode se retirar do Templo sem que o Venerável dê permissão. Autorizado, deixará o seu óbolo no Tronco de Beneficência, se ainda não o tiver feito.

O Irmão que ingressar no Templo, após a circulação do Tronco de Beneficência, está isento de nele concorrer.

OBS.: Todo Ir.: que estiver circulando carregando algum objeto ou instrumento, fará saudação, com respeitosa inflexão de cabeça.

No Rito Brasileiro não existe a circulação do Sac.: de PProp.: e Infor.:. O mesmo deverá ficar no sala dos passos perdido da Loja em lugar visível, os Ilr.: deverão colocar ali suas correspondências antes de adentrarem ao Templo, devendo o Ir. :. Mestre de Cerimônias, ao entrar para o Templo, levá-lo consigo para, no momento apropriado, conforme determina o ritual, abri-lo.

Também não existe no Rito a circulação do Livro de Presença dentro de Loja. Todos os Ilr.: deverão assiná-lo na sala dos Passos Perdidos. Faltando algum Ir.: que, porventura, chegue após a abertura dos trabalhos, deve, nesse caso, ser encaminhado pelo Mestre de Cerimônias ao altar do Chanceler para assinar o livro e após tomar seu lugar em Loja.

O Venerável Mestre deverá assinar quando do término da sessão, encerrando-a.

A Circulação do Tronco de Beneficência (a sistemática é a mesma para o Escrutínio Secreto) que é feito pelo Irmão Hospitaleiro. Quando houver necessidade, pode ser auxiliado pelo Ir.: Experto.

É feita com toda a formalidade que exige a ritualística. Começa pelo Oriente: primeiro, o Venerável ou autoridade que presida a sessão; depois, as autoridades que estão com o Venerável no Altar; a seguir faz o giro dextrógiro (pela direita) completo no Oriente, sem a preocupação de hierarquia. Concluída a coleta no Oriente, o Hospitaleiro desce ao Ocidente (ao descer saúda o Venerável, com respeitosa inflexão de cabeça). Dirige-se ao 1º Vigilante; deste prossegue coletando toda a Coluna do Norte, lembrando que o Ir.: Cobridor Int.: faz parte da Coluna do Norte e deve se recolher o seu óbolo, pois no final ele só segura para que o Hospitaleiro contribua com a Beneficência, sem a preocupação de hierarquia ou Grau, cumprido o trajeto normal. Concluída a Coluna do Norte, vai ao 2º Vigilante, e faz a coleta da Coluna do Sul, também sem a preocupação de hierarquia, ou grau, embora seja obrigado a fazer dois giros nesta Coluna devido à posição do Segundo Vigilante, na parte média da Coluna, e a obrigatoriedade da circulação dextrógiro. Para concluir, o Hospitaleiro faz seu próprio depósito com o auxílio do Irmão Cobridor. Concluído o trabalho, encaminha-se diretamente ao tesoureiro.

A Palavra é concedida a Bem Geral da Ordem e do Quadro. Simultaneamente é feita a conferência da coleta pelo Tesoureiro e pelo Hospitaleiro. No momento

oportuno, ainda no tempo da Palavra a Bem Geral, o Tesoureiro anuncia o resultado da coleta em moeda corrente do País.

Toda saudação, no Grau de Aprendiz, é feita pelo Sinal Gutural, exceto quando o Ir. estiver portando algum instrumento ou objeto de trabalho, nesse caso fará uma respeitosa inflexão de cabeça ao Venerável Mestre.

Nas sessões do Rito Brasileiro, após o anúncio: "Em Loja meus Irmãos!", até a declaração: "Está encerrada a Sessão. Retiremo-nos em paz!", toda movimentação será feita obedecendo-se o sentido dextrógiro e todos os Irmãos, sem exceção, ao entrar ou sair do Oriente, ou ao transpor o eixo norte-sul do Templo, junto a Balaustrada de frente para o Venerável Mestre, fará a saudação.

A postura correta que os Irmãos deverão adotar durante as sessões, quando estiverem assentados, é a de manter as pernas dobradas em paralelo. Em nenhuma hipótese deverão cruzar as pernas ou os braços ou assumirem outra posição menos formal.

## **II - 3 - SINAIS MAÇÔNICOS E USO DA PALAVRA**

### **II – 3.1 - SINAL DE ORDEM:**

É o sinal executado de acordo com o grau e da maneira prescrita no referido ritual, quando:

- Estiver de pé e parado, pois não se anda em Loja com o sinal bem como não se faz sinal estando sentado;
- Ao se levantar para fazer uso da palavra durante as sessões ritualísticas (fazendo a saudação falada), passando logo após o Sinal de Obediência;
- Durante a marcha ritualística;
- Quando assim determinar o Ritual.

### **II – 3.2 - SINAL DE OBEDIÊNCIA:**

É usado na Abertura dos Trabalhos antes da Transmissão da Palavra Sagrada, no encerramento dos Trabalhos após o fechamento do Livro da Lei e toda vez que o Ir. estiver de pé e parado para fazer uso da palavra (levanta-se em Sinal de Ordem, saúda o Venerável e Vigilantes e passa ao Sinal de Obediência automaticamente). Faz-se colocando a mão direita aberta por cima da esquerda sobre o Avental.

### **II – 3.3 - SINAL DO RITO:**

É feito quando do encerramento da sessão, conforme previsto no Ritual. Faz-se da seguinte forma: levantar naturalmente a mão direita ao ombro esquerdo, depois ao ombro direito e estender o braço à frente, formando esquadria, com a palma da mão para cima.

### **II – 3.4 - SINAL DE APROVAÇÃO:**

Empregado nos processos de votação. É feito, estendendo-se o braço direito para frente, em linha reta, com a mão aberta, os dedos unidos e a palma da mão voltada para baixo.

### **II – 3.5 - USO DA PALAVRA:**

O Maçom, em Loja aberta, se manifesta através da palavra, solicitada no momento adequado, conforme previsto no Ritual, diretamente aos Vigilantes, quando tiver assento nas Colunas, e ao Venerável, quando no Oriente.

Quando concedida, ficará o Irmão em pé e com o Sinal de Ordem, saudando (saudação falada), hierarquicamente as Dignidades, Autoridades e os Irmãos presentes, passando em seguida ao Sinal de Obediência.

Não há necessidade de o irmão ir à coluna ou oriente para falar, pois o venerável ao conceder a palavra, esta volta na coluna do irmão que a solicitou.

Ao fazer uso da palavra, o Maçom deve ser objetivo, falar alto e claro, pouco e corretamente, contando e medindo suas palavras, empregando sempre expressões comedidas, evitando discursos intermináveis, prolixos e repletos de lirismo.

### **II – 3.6 - ENTRADA APÓS O INÍCIO DOS TRABALHOS:**

Independente do Grau em que a Loja estiver trabalhando o Ir.: que chegar após o início dos trabalhos, deverá dar somente três batidas na porta. Se não for possível seu ingresso no momento solicitado, o Cobridor Interno responderá pelo lado interno da porta com uma batida, para que o Ir.: aguarde. Caso a Loja esteja trabalhando nos graus de Aprendiz, Companheiro ou de Mestre, o Cobridor Interno deverá se dirigir à sala dos assas perdidos e verificar se o Ir.: possui qualidade para participar da sessão: através do telhamento relativo ao grau. É incorreto o hábito que

se usa hoje de que, quando um Ir.: bate, o Cobridor ficar fazendo aumento do número de batidas para atingir o grau acima subsequente.

Concedida à autorização para adentrar ao Templo, o Ir.: procederá com toda formalidade, realizando a marcha do grau e saudando as Luzes (Venerável e Vigilantes).

## **II – 4 - ORDEM DOS TRABALHOS A SESSÃO ORDINÁRIA**

### **1. PREPARAÇÃO**

Apenas os Irmãos encarregados de tarefas preparatórias poderão permanecer no Átrio, antes da chamada do M.: de CCer: .. Os demais permanecem na Sala dos PP.: PP.: aonde, imediatamente ao chegar, devem assinar o Livro de Presença (que se encontra na Sala dos PP.: PP.:, devidamente preparado e posicionado pelo Chanceler). Não se permitirá a circulação de qualquer Ir.:, durante a sessão, para coleta de assinaturas. Se houver matéria destinada à proposta ou informações, o depósito da mensagem será feito (também antes da sessão) no respectivo Saco de coletas. Este, devidamente preparado e localizado pelo Mestre de Cerimônias na sala dos PP.: PP.: se encontrará em lugar discreto ao- alcance de todos. Antes do início da Sessão, o Mestre de Cerimônias colocará o Saco de Coleta na Balaustrada ao seu lado e o Chanceler levará o Livro de Presenças para sua própria mesa.

### **INGRESSO NO TEMPLO**

À hora fixada, estando o Templo preparado, totalmente iluminado, inclusive o Altar do Vem.:, os Pedestais dos Vigilantes e as mesas dos Oficiais, e todos revestidos de suas insígnias e convenientemente trajados, o M.: de CCer.: convocará os Ilr.: a ingressarem no Templo (menos o Ven.: M.:, o Ex-Ven.: imediato, os VVig.:, Orad.:, Secr.:, Tes.:, Chanceler e as Autoridades com direito a recepção regulamentar). Os Ilr.: ingressam silenciosamente, a porta totalmente aberta, os Cobridores postados em pé nas suas respectivas posições, espada na vertical, cotovelo colado ao corpo, braço em esquadria com o antebraço. Ingressando, sem formalidades, cada Irmão ocupará o respectivo lugar, permanecendo em pé. Parados, assumem o Sinal de Obediência; ao caminhar, não há qualquer Sinal, nem mesmo o Sinal de Obediência. Esse ingresso prévio dos Irmãos não existe ordem hierárquica, ou seja, entram Aprendizes, Companheiros e Mestres sem cargos, nessa ordem.

OBS: Antes de retomar a S.: dos PP.: PP.:, convém ao Mestre de CCer.: solicitar que os Ilr.: do Oriente se voltem para o Altar e os do Ocidente para o Oriente para dar entrada ao cortejo das Dignidades.

O Mestre de CCer.: retoma à sala dos PP.: PP.:, convidando as Dignidades e as Autoridades presentes a ingressarem no Templo. Organiza-se o cortejo em fila dupla. À frente, do lado direito, isolado, adiantado de todos, o M.: de CCer.:, a seguir, sempre dois a dois: o Tes.: (à esquerda), o Chanceler (à direita). O Orad.: (à esquerda), o Secretário à direita), o 1º Vig.: (à esquerda), o 2º Vig.: (à direita), A seguir, o ex-Venerável imediato (à direita) e o Venerável Mestre, à esquerda um pouco atrás, encerrando o cortejo.

As autoridades maçônicas serão recebidas conforme o Regulamento Geral da Federação, ou, caso dispensem as formalidades, integraram o cortejo das Dignidades, tomando posição designada pelo é um tipo Venerável Mestre. O cortejo caminha em linha paralela, cada um tomando o respectivo lugar em Loja, sem circular. Os VVig.: contudo, antecedendo ao Ven.: M.:, o acompanham até à Balaustrada. O M.: de CCer.: acompanha o Ven.: até o Trono, antecedendo-o. Após a chegada do Venerável ao Trono, VVig.: e M.: de CCer.: regressam, tomando os respectivos lugares.

Durante o ingresso do cortejo das Dignidades, os Irmãos cantarão o Hino de Abertura (ou mediante gravação), iniciado sob o comando do Mestre de Harmonia que também deverá selecionar as músicas adequadas para serem executadas durante a sessão, (concluído o cântico, os Ilr.: ainda permanecem em pé voltados para o Oriente e em S.: de Obediência. Os Ilr.: do Oriente voltam-se para o Trono e só o Venerável está voltado para o Ocidente, observando toda a Loja).

Após o ingresso no Templo os Irmãos informalmente, e as Dignidades em cortejo por filas paralelas qualquer outra movimentação será feita obedecendo-se o sentido dextrógiro, isto é, sempre virando à direita, nunca à esquerda. A ordem é: Ocidente-Norte-Oriente-Sul-Ocidente.

## **ABERTURA DOS TRABALHOS**

### **Verificações Iniciais**

O Ven.: Mestre manda certificar se o Templo está Coberto. Caso o Ir.: Cob.: Ext.: esteja em posição, o Cob.: Int.: bate regularmente na porta pelo lado de dentro e, estando a Loja coberta, o Cob.: Ext.: responde pela mesma bateria regular. Se o Cob.: Ext.: não estiver em posição, o próprio Cob.:Int.: (sem bateria) vai à S.: dos PP.: PP.: deixando a porta encostada, faz a inspeção e retoma ao Templo, fechando a porta.



OBS.: Não é necessária a bateria regular quando não se usa o Cob.: Ext.:, pois a idéia da mesma é que o Cob.: Ext.: responda ao Cob.: Int.: que está tudo bem sem a necessidade de se abrir à porta do Templo.

Em seu trabalho, quando cumprem as suas funções relativas à segurança do Templo, os CCob.: portam Espadas na mão direita, verticalmente, com o punho à altura da cintura. Nas demais situações, a Espada permanece na bainha.

No diálogo inicial de abertura dos trabalhos, além da fala do Ven.: , dos VVig.: , e do Orad.: , ocorre a participação do Chanceler ficando os mesmos sentados quando interrogados.

### **CERIMÔNIA DAS LUZES**

(No Altar do JJur.: , que tem forma triangular, devem estar preparados três círios: um branco, no ângulo oriental do Altar, suscitando Sabedoria; outro Vermelho, no ângulo Norte, promovendo Força; e o terceiro Azul, no ângulo Sul do altar, projetando Beleza. O Ven.: e os VVig.: devem estar preparados para, cada um em sua vez, acender o círio correspondente e depois pronunciar a invocação).

Estando todos de pé e em S.: de Ob.: , os VVig.: , sem malhetes, dirigem-se ao Or.: (saudando o Venerável antes de subirem os degraus do Oriente); à frente o 2º Vig.: , indo postar-se, respectivamente, diante dos castiçais da Beleza e da Força. O Ven.: , após os VVig.: tomarem posição, desce, trazendo do Altar a Tocha acesa, para acender em seguida a vela de cor branca do Castiçal da Sabedoria. Faz a citação, passa a Tocha ao 1º Vig.: que acende a vela de cor vermelha do Castiçal da Força; faz a citação, após o que o 1º Vig.: passa a Tocha ao 2º Vig.: que acende a vela de cor azul do Castiçal da Beleza, faz a citação e entrega a tocha ao Ven.: M.: que a apaga e retorna a seu lugar dietamente, sem dar a volta em torno do Altar. Os VVig.: também retornam a seus lugares após o Ven.: ter regressado ao Altar, o 2º Vig.: , à frente (fazem a saudação para saírem do Oriente junto a balaustrada e de frente para o Venerável).

### **TRANSMISSÃO DA PALAVRA SAGRADA**

Atenção: Ao comando do Venerável todos ficam à Ordem.

O 1º Diác.: sobe os degraus do Trono e se coloca ante o Ven.: , em posição cômoda que permita a recepção da Palavra. Ao chegar, saúda o Ven.: com respeitosa inflexão de cabeça. É correspondido. A seguir, procede-se a transmissão da Pal.:

Sagr.: ao ouvido direito, letra a letra; o Ven.: dá a primeira letra, o 1º Diác.: , a segunda e seguem assim, alternativamente, sem pronunciar a palavra ou suas sílabas. O 1º Diác.: , então saúda o Ven.: , é correspondido e se desloca ao Pedestal do 1º Vig.: , onde com as mesmas formalidades, transmite a Palavra recebida. Prossegue seu giro, indo colocar-se ao Altar dos JJur.: , junto à Luz da Força (vermelha). O 2º Diác.: . Desloca-se com formalidades iguais, transmitindo a Pai.: . Sagr.: do 1º ao 2º Vig.: e posiciona-se, a seguir, ao Altar dos JJur.: , junto à Luz da Beleza (azul). A marcha dos DDiác.: . deve ser enérgica, decidida, sem vacilações.

### **3 - ABERTURA DO LIVRO DA LEI**

Após a transmissão da Palavra Sagrada o Orador, sem convite do Ven.: e sem a escolta do M.: de CCer.: , dirige-se ao Altar dos Juramentos passando entre o Altar do Venerável e o Altar dos Juramentos, sem fazer saudação ao Venerável. O M.: de CCer.: e os dois DDiác.: cruzam seus bastões por sobre o Altar dos JJur.: , formando o pátio. O M.: de CCer.: ergue seu bastão, sobre o qual os DDiác.: apóiam os seus. Depois de saudar o Ven.: , o Orador, em pé, abre o Livro da Lei (sem retirá-lo de cima do Altar) na parte apropriada, lê o primeiro versículo do Salmo 133, (OH! COMO É BOM E AGRADÁVEL É QUE OS IRMÃOS VIVAM EM UNIÃO!) com voz firme, e coloca sobre o Livro aberto o E.: sobre o C.: , na posição do Grau (E.: sobre o C.: , este com as pontas para o Ocidente) e saúda novamente o Ven.: . Desfaz-se o pátio. Regressam aos seus lugares. O 2º Diác.: , de passagem para o seu lugar, abre o Painel do Grau.

### **4 - LEITURA E APROVAÇÃO DE BALAUÍSTRE**

O Ven.: determina que o Ir.: Secretário dê conta do Balaústre da última sessão, o mesmo será lido discutido e aprovado pelos presentes. Após sua aprovação o 1º Diac.: apresenta o Livro já assinado pelo Secretário ao Orador e ao Ven.: e, estando o Balaustre por eles assinado, entrega-o ao Secr.:

Se houver discussão (a ordem de falar obedecerá à tradição: primeiro os da Col.: do Sul, mediante autorização do 2º Vig.: , depois os da Col.: do norte, quando autorizados pelo 1º Vig.: , a seguir os do Oriente com autorização do Venerável Mestre), e dela resultarem emendas ou explicações, estas serão submetidas a voto (o Orador deverá verificar a legalidade do ato e autorizar a votação, caso contrário deverá orientar sobre o procedimento a adotar).

A forma de aprovação da votação é pelo sinal (estendendo a m.: d.: p.: p.: b.:). O M.: de CCer.: verifica a votação, anunciando a contagem ao Ven.: M.:

## **5 – EXPEDIENTE**

O Secretário deve ter preparado antes da sessão a exposição do expediente. Criteriosamente, não lerá os documentos por extenso (salvo em casos especiais), mas, sim apresentará o conteúdo sinteticamente, economizando tempo. O Venerável Mestre vai declarando o destino do expediente.

Leis e decretos assinados pelo Sob.: Grão-Mestre do GOB ou Pelo Eminente Grão-Mestre Estadual, devem ser lidos pelo Orador, estando todos os Irmãos sentados.

## **6 - SACO DE PROPOSTAS E INFORMAÇÕES**

O M.: de C Cer.:, que recolhera a sacola antes da abertura da sessão, cumpre o determinado e só se retira depois que for anunciado o resultado da coleta. (não há circulação do saco de proposta e informações).

## **7 - ORDEM DO DIA**

A pauta da Ordem do Dia é organizada pelo Secretário. Constitui-se, fundamentalmente, e assuntos que exijam debate e votação da Loja. Tais assuntos devem estar contidos em Propostas Escritas, apresentadas no Saco de Proposta e Informações, levados pelo Ven.: M.: à discussão da Loja, ou devem estar contidos em Pareceres de comissões. O Secretário expõe cada assunto, lendo a proposta ou parecer, um assunto de cada vez; só passando a outro após a conclusão do anterior, depois da votação e da proclamação do resultado. Se o Orador tiver parecer quanto à legalidade do ato, deverá usar da palavra.

## **8. ENTRADA DOS VISITANTES**

Qualquer Maçom, membro de Loja regular do País ou estrangeiro, goza do direito de visitação. É um LANDMARK da Ordem, é facultado ao Ven.: permitir que o Ir.: visitante, pessoa conhecida da Oficina, ingresse no Templo em família, participando do cortejo da abertura. Qualquer outro visitante será submetido ao procedimento discriminado no RGF (quando o Ir.: for do GOB, não deixar de solicitar a "Palavra Semestral"; se o visitante não for conhecido, antes do início da Sessão, deve ser verificada sua dignidade maçônica pelo 1º Experto e gravar seu nome no Livro

próprio. Seus documentos serão examinados pelo Orador e será recebido sem levantar a Loja.

As Autoridades Maçônicas, bem como portadores de Títulos e Recompensas serão recebidos de acordo com o Protocolo do RGF, podendo o homenageado dispensar esse privilégio.

## **9 - ESCRUTÍNIO SECRETO**

Nos procedimentos para o escrutínio secreto é exigido que c Venerável, antes de correr a urna, leia a proposta de admissão na íntegra (omitindo o nome do apresentante), as três sindicâncias (omitindo o nome dos sindicantes) e o parecer da Comissão de Admissão e Graus. Se c candidato for aprovado, então deve ser informado o nome do apresentante e sindicantes.

Seu giro é idêntico ao do Tronco de Beneficência, o Ir.: 1º Exp.: deverá munir-se de uma urna (estojo) coletora e o Ir.: M.: de CCer.: de uma urna (estojo) com esferas brancas e pretas. Os dois Ilr.: ficam entre Colunas, o 1º Exp.: ao Norte e o M.: de CCer.: ao Sul, Saúdam o Ven.: M.: e partem a cumprir a ordem. Cada Ir.: tira do estojo do M.: de CCer.: a esfera com que vai votar (as brancas aprovam e as negras reprovam, é sempre bom lembrar isto aos Ilr.: antes do giro), Após, o 1º Exp.: recolhe a votação e fica entre Colunas. O M.: de CCer.: volta a seu lugar.

O 1º Exp.: , apresenta a urna ao Ven.: M.: , destampando-a, e o número de esferas é conferido com o dos OObr.: presentes. Se todas as esferas forem brancas, o Ven.: anunciará que o candidato foi aprovado limpo e puro, se houver votação desfavorável, procederá de conformidade com o RGF.

Após o anúncio do resultado, o 1º Exp.: apresentará a urna ao Orador e aos Vigilantes, para conferência. A seguir o Ven.: anuncia o nome do apresentante e dos sindicantes.

## **10 - TEMPO DE INSTRUÇÃO**

É o tempo destinado à apresentação de trabalhos por Ir.: previamente inscrito, se não houver, o 2º Vig.: dará instrução aos Ilr.: sobre filosofia, simbolismo, liturgia, história ou legislação maçônica, ou versará sobre qualquer assunto da cultura humana.

OBS.: o tempo de instrução poderá ser usado pelo Ven.: M.: ou por outro Ir.: designado.

## **11 - TRONCO DE SOLIDARIEDADE**

O Hospitaleiro coloca-se entre Colunas; saúda o Ven.: M.: e inicia a circulação. A sacola de coleta deve ser conduzida lateralmente, colocada à cintura, lado esquerdo, segura pelas duas mãos. Começa pelo Oriente: primeiro o Ven.: ou autoridade que presida a sessão, depois as autoridades que estão com o Ven.: no Altar. A seguir, faz o giro completo pelo Oriente sem preocupação de hierarquia. O Hosp.: desce ao Oc.: (ao descer saúda o Ven.: com respeitosa inflexão de cabeça). Dirige-se ao 1º Vig.: , deste coleta toda a Coluna do Norte, sem preocupação de hierarquia ou grau, concluída a coluna do norte, vai ao 2º Vig.:, e conclui a coleta da Coluna do Sul, também sem preocupação de hierarquia ou grau; embora seja obrigado a fazer dois giros nesta Coluna, devido à posição de 2º Vig.:, na parte média da Coluna, e a obrigatoriedade da circulação dextrógira. Para concluir o Hosp.: faz seu próprio depósito com o auxílio do Cob: .. Concluída a coleta, encaminha-se diretamente ao Tesoureiro, entregando-lhe a sacola e retornando ao seu lugar. O Tesoureiro, depois de conferir, comunica o resultado ao Ven.:.

## **12. PALAVRA A BEM GERAL DA ORDEM E DO QUADRO**

Mediante autorização dos Vigilantes a palavra é concedida a quem dela queira fazer uso em suas Colunas, de acordo com a tradição, (em cada Coluna e no Oriente, o Ir.: se levantará após autorização do Venerável, tomará o Sinal de Ordem, dirá as palavras de saudação às Luzes e Autoridades, descarrega o Sinal e falará em sinal de Obediência). OBS: A palavra pode voltar às Colunas desde que solicitada e autorizada pelo Ven.: M.:, conforme a tradição, o Ven.: M.: pode cassar a palavra do Ir.: , se entender que o assunto é inoportuno para o momento ou se está sendo colocado de forma inadequada.

Reinando silêncio nas CCol.: e não havendo, também no Or.:, quem mais peça a palavra, o Ven.: passa a palavra ao Orad.: para as conclusões finais e saudação aos visitantes. A seguir o Ven.: M.: tece suas próprias palavras finais. Após o Ven.: M.:, falam apenas os Grão-Mestres.

Falarão assentados: o Venerável, 1º e 2º Vigilantes, Orador, Secretário, Tesoureiro e Chanceler.

## **13 - RETIRADA DAS AUTORIDADES**

Neste período retiram-se as autoridades que ingressaram com formalidades (de acordo com o RGF, se as mesmas abrirem mão das formalidades poderão sair em família, no cortejo de retirada das Dignidades).

## **14 - ENCERRAMENTO**

Após determinação do Ven.:, o M.: de CCer.: Coloca-se entre CCol.:, faz o Sinal do Rito, voltando depois ao seu lugar.

### **PROCEDIMENTOS PREPARATÓRIOS**

Após as leituras previstas no Ritual, o Venerável Mestre dá a Bateria do Grau, os Ilr.: do Oriente se levantam à Ordem. Bate o 1º Vig.: e os Ilr.: da Coluna do Norte se levantam à Ordem. Bate o 2º Vig.: e os Ilr.: da Coluna do Sul se levantam à Ordem. Em seguida a P.: S.: retorna ao Venerável Mestre. O 2º Diác.: vai ao Pedestal do 2º Vig.: e recebe a P.: S.: do mesmo modo por que a transmitiu no início dos trabalhos. Dirige-se ao 1º Vig.: e a transmite da mesma forma que a recebeu, indo colocar-se à direita do Altar dos Juramentos. O 1º Diác.: vai ao Pedestal do 1º Vigilante, recebe a P.: S.: com as formalidades já descritas e a transmite ao Ven.:, indo colocar-se à esquerda do Altar dos juramentos.

### **FECHAMENTO DO LIVRO DA LEI**

Procede-se como na Abertura; o Orad.: fecha o Livro da Lei, (sem retirá-lo de cima do Altar) colocando o E.: e o C.: na posição do Grau (pontas voltadas para o Oriente) e retoma ao seu lugar, bem como os DDiác.: e o M.: de CCer.: .. O 2º Diác.: retornando ao seu lugar, de passagem, fecha o Painel do Grau.

### **AMORTIZACAO DAS LUZES**

Os VVig.: Dirigem-se ao A.: dos JJur.: (sem malhetes); à frente, o 2º Vig.:; seguido pelo 1º Vig.:, colocando-se diante dos respectivos castiçais. A seguir, o Ven.: Dirige-se ao A.: dos JJur.:

O 2º Vig.: amortiza a vela de seu castiçal, utilizando um abafador e faz seu pronunciamento.

O 1º Vig.: recebe o abafador do 2º Vig.: é amortiza a vela de seu castiçal e faz seu pronunciamento.

O Ven.: recebe o abafador do 1º Vig.: e amortiza a vela de seu castiçal, faz seu pronunciamento e retoma ao Altar, diretamente, sem dar volta em torno do Altar do Juramentos. Após o Ven.: ter chegado no seu lugar, os VVig.: retomam a seus Pedestais; o 2º Vig.: à frente.

## **CONCLUSÃO**

### **PROCEDE-SE DE ACORDO COM O RITUAL.**

O M.: de C Cer.:, a seguir, promove o cortejo de retirada das D Dig.:, na ordem inversa ao do cortejo de entrada. O Ven.: Dirige-se ao A.: dos J Jur.:, os dois V Vig.: Encaminham-se, paralelamente, até a balaustrada. Os Ilr.:, sob a direção do M.: de Harm.:, iniciam o cântico (ou mediante gravação) do Hino de Encerramento.

Durante o cântico saem; à frente o Ven.: M.: e as Autoridades, a seguir os dois V Vig.:, cada um de um lado de sua própria Col.: seguidos pelas demais D Dig.: e Ilr.: do Oriente. Os Ilr.: permanecem cantando e após o cortejo, retiram-se em ordem, cada um do lado de sua Col.: Os dois C Cob.: permanecem à porta, postados como na entrada do cortejo. Ao transpor-se a porta do Templo, o Cob.: Int.: apaga as luzes e fecha a porta.

OBS.: No Rito Brasileiro existe uma "Adenda" para Suspensão e Reabertura dos Trabalhos após Sessão Aberta, caso os trabalhos hajam sido interrompidos e depois reencetados.

Quando determinar o Ven.:, após as leituras de praxe (conforme o Ritual) estando todos em pé e à Ordem, o Orad.:, imediatamente, sem necessidade de comando, fecha o L.: da L.:, sem o pálio. Todos baixam ao Sinal de Obediência. O Orad.: coloca sobre o L.: da L.: o C.: e o E.:, na mesma posição que guardavam entre si. O 2º Diác.: fecha o Painel do Grau. Os Ilr.: saem do Templo.

Ao reabrir todos ocupam seus lugares no Templo, em pé e com o Sinal de Obediência. O Ven.: M.: dá um golpe de malhete, repetido pelos V Vig.:.

Fazem as leituras de praxe (conforme o Ritual); o Orad.:, imediatamente sem necessidade de comando, reabre o L.: da L.: no mesmo lugar, sem o pálio, recolocando o C.: e o E.: na posição do Grau.- . O 2º Diác.: reabre o Painel do Grau. Os trabalhos recomeçam do ponto em que foram suspensos. Esta Adenda é usada normalmente em dia de Sessão Magna de Iniciação.

## **CADEIA DE UNIÃO**

A Cadeia de União somente se realiza quando houver necessidade, de transmitir a Palavra Semestral. Deve ser formada. Após o encerramento da sessão. Na transmissão da palavra: Semestral não se permitirá à presença de visitantes.

### **PROCEDIMENTO BÁSICO:**

1. Os Irmãos formam lado a lado. O Ven.: (de costas para o Oriente) terá, à direita, sucessivamente, o 1º Vigilante e o Orador, e, à esquerda, sucessivamente, o 2º Vigilante e o Secretário, seguindo-se os demais- Irmãos, de cada lado, em uma ordem formal. O Mestre de Cerimônias se postará em posição diametral a do Venerável.

2. Postados os Irmãos, lado a lado, antes de entrelaçar os braços, o Venerável abre o envelope, lê a Palavra Semestral, memoriza e de mãos dadas, BBr.: ccr.:, o d.: S.: o e.:, a palavra é transmitida sigilosamente, a partir do Venerável Mestre, ao Irmão à direita e assim sucessivamente, circula até regressar ao Venerável que, recebendo-a na volta, dirá de sua correção. Repetirá o procedimento até que a Palavra regresse certa.

3. A Cadeia é desfeita. O Venerável deve dizer palavras apropriadas.

Exemplo: "Possa esta Loja, formada com tanta união e concórdia, durar por muito tempo".

4. O Venerável Mestre com o auxílio do Mestre de Cerimônias, na forma tradicional (o papel na ponta de uma espada), procede à incineração da Palavra Semestral gravada. Em seguida diz: sob a proteção do Supremo Arquiteto do Universo, retiremo-nos em paz!

(\*) Apresentação: Ser.: Ir.: JOSÉ ROBSON GOUVEIA FREIRE - M.:I.:, Gr.: 33, Grande Secretário da Magna Reitoria do Supremo Conclave do Brasil.